

Quero agradecer à dr^a Marla Julia Carozzi por sua leitura crítica e inúmeras sugestões que muito enriqueceram este trabalho.



Quando a magia é legítima?

Ajudando Maradona na Copa do Mundo

ALEJANDRO FRIGERIO

Tradução de BEATRIZ SIDOU

Não seria arriscado afirmar que durante o campeonato mundial de futebol realizado na Itália em 1990 milhões de argentinos sofreram as partidas que viam pela televisão. Levando-se em conta o desempenho do time local, isto não surpreenderia ninguém, a não ser pelo fato de que grande parte dos argentinos, desejando garantir a vitória de seu time, normalmente viam as partidas com os mesmos companheiros, vestidos com a mesma roupa, sentados sempre na mesma ordem e acendendo velas, segurando santinhos ou fazendo alguma coisa do tipo que nós, os cientistas sociais, não hesitaríamos em qualificar como sendo “mágica” e que, neste período, foi popularizado com o nome de *cábalas*.

Conforme progrediam o Mundial e a seleção argentina, as *cábalas* foram se ampliando e assumindo uma condição cada vez mais pública. Os locutores dos diferentes programas de televisão sobre o Mundial tinham suas próprias *cábalas*, que discutiam ou executavam diante das câmaras antes de cada partida da seleção. Estas *cábalas* poderiam consistir em passar os gols argentinos no Mundial de 86, cantar sempre as mesmas canções de ânimo ou, invariavelmente, pedir prognósticos sobre o resultado da próxima partida a seus colegas. O próprio presidente da nação, Carlos Menem (com diversos funcionários de alto escalão), viu as últimas cinco partidas pela televisão sentado ao lado de dois ex-integrantes do selecionado, todos vestindo a mesma roupa e sentados na mesma ordem. Esse fato não apenas foi profusamente registrado e comentado, como também celebrado e estimulado pelos jornalistas presentes na casa do governo.

Neste trabalho, desejo ressaltar que a crença no “mágico”, longe de ser circunstancial ou conjuntural, é uma pauta cultural que se mantém na sociedade argentina através dos anos. As *cábalas* seriam apenas um

Como algo mágico que se instala de repente, todos – dir-se-ia que sem distinção de classes sociais – correram em auxílio de um grupo de anti-heróis cheios de mandingas, patas de coelho para afugentar maldições e uma prece ao Altíssimo, comodamente instalados diante de uma televisão... (“ Maldito Mundial! ” , in revista *Notícias* , 8/7/90).

exemplo desta constelação de práticas e crenças que a cultura oficial e os meios de comunicação empenham-se em ocultar ou minimizar. Durante o Mundial de futebol “Itália 90” essas *mandingas* invadiram todos os lares e até os meios de comunicação, onde não apenas foram refletidas e comentadas, mas também profusamente praticadas diante das câmaras. O presente trabalho tem a intenção de dar algumas respostas não apenas à repentina popularidade, mas, sobretudo, à *legitimação* destas práticas durante esse período.

AS CÁBALAS NA SOCIEDADE ARGENTINA

O que é uma *cábala* na sociedade argentina?⁽¹⁾ No sentido popular a palavra denota uma atividade ritual individual, cuja execução – antes ou durante eventos cujo resultado se considere importante – ajudaria na obtenção do sucesso. De maneira geral, consiste na repetição de atos que, embora não pareçam ter conexão com a atividade para a qual se deseja o resultado positivo, foram realizados anteriormente numa oportunidade em que houve êxito. Acredita-se que a repetição desses atos levará a um novo sucesso.

Dois exemplos da seleção argentina de futebol comentados nos meios de comunicação:

“*Mandingas*: Em Trigoria (Itália), os sete jogadores argentinos que ganharam o Mundial do México e toda a equipe técnica mantêm ao pé da letra as *mandingas* que lhes deram sorte em 1986. Um exemplo: Diego Maradona trouxe todas as fitas-cassete que escutou naquela ocasião, especialmente as que contêm as músicas de *rock*, que põe a todo volume quando se levanta” (“Empezó el Mundial”, in revista *Gente*, 7/6/90).

“A grande *mandinga* de Bilardo e seus ajudantes: o orientador do conjunto argentino e os integrantes da equipe técnica usam a mesma gravata. Ela foi estreada na partida com a União Soviética (vencida pela seleção argentina). Depois disso, não a abandonaram mais” (revista *Notícias*, 8/7/90).

Essas práticas, que mal chamaram a atenção dos cientistas sociais (para ver uma exceção: Bialogorsky, 1986-87), são comuns na sociedade argentina, principalmente em grupos onde o sucesso de cada atuação ou desempenho tem importância vital (atores, desportistas) ou no plano comum de gente que deve enfrentar um momento particularmente decisivo (estudantes que prestarão um exame, por exemplo). Embora não recebam o mesmo nome, essas práticas se realizam em outros países. Gmelch (1985), ao tratar do que denomina “mágica do béisbol” (*baseball magic*), descreve procedimentos muito semelhantes: tipos diferentes da ritualização de atividades que, por terem sido realizadas antes de uma atividade bem-sucedida, são repetidas para novamente repetir o sucesso. Segundo o autor, “o jogador pode ritualizar qualquer atividade que considere necessária para um desempenho bem-sucedido... Em geral, os rituais surgem a partir de desempenhos excepcionalmente bem-sucedidos... Através da magia desses rituais, o jogador busca um maior controle sobre o seu desempenho, procura controlar o azar”. A ordem ritual de determinados atos pareceria introduzir também a ordem desejada nos acontecimentos sobre os quais se deseja influir. Introduzir mudança, desordem, pode provocar resultados indesejados. A mídia registrou um exemplo:

“Os brincos de Diego (Maradona): No ‘México 86’ ele usou um muito pequeno. Mas na estréia diante de Camarões, no ‘Itália 90’, preferiu um maior, com um crucifixo. (*Depois da derrota para Camarões*) Diego, fiel às *mandingas*, optou por voltar a usar os do ‘México 86’. Até o momento, continua invicto” (“Qué le pasa a Maradona”, in revista *Gente*, 21/6/90).

Nas palavras de um locutor da televisão durante o Mundial: “As *mandingas* têm de ser respeitadas, porque senão depois não podemos nos queixar (*se as coisas não derem certo*)”.

Na Argentina, principalmente com o sentido que se deu ao termo durante a Copa do Mundo, as *mandingas* também podem envolver elementos próprios da religiosidade popular. Assim, durante o Mundial catalogou-se procedimentos como assistir às partidas com uma imagem da Virgem Maria em cima do aparelho de televisão, com a medalha da mesma Virgem nas mãos ou rezar a Cristo ou a Deus antes ou durante a partida (“Como nunca, nós, argentinos, repetimos todas as *cábalas*”, in revista *Flash*, 28/6/90). O fato de que a seleção tenha sempre levado consigo uma imagem da Virgem de Luján que já

1 O grau em que os argentinos podem vincular a palavra *cábala* a uma tradição esotérica judia é incerto. O uso popular da palavra na Argentina não parece ter relação com seu significado esotérico ou místico (N. do A.). A tradução mais próxima de *cábala* em português é *mandinga*. Em função do texto, às vezes ela será traduzida e outras não. As duas formas estão sempre grifadas porque a palavra *cábala* está sempre em grifo no original (N. da T.).

2 Como discutimos no mesmo trabalho, a preexistência dessas tradições mágico-religiosas facilitariam a expansão das religiões afro-brasileiras, como a umbanda ou o batuque de Porto Alegre, em Buenos Aires (Frigerio, 1990a).

3 A partir de Rodrigues (1935) e Rio (1906), sabemos que o mesmo acontece no Brasil com as religiões afro-brasileiras.

4 Em 1990 apareceram diversos exemplos desta estratégia: “Cada empresário com seu bruxinho: a crise e a oferta de videntes” – revista *Notícias*, 11/2/90; “Entre o azar e as angústias, a parapsicologia faz seu agosto” – jornal *Página 12*, 10/7/90; “O negócio das soluções mágicas: o auge dos quiromantes, tarzeiros, adivinhos e bruxos que oferecem serviços esotéricos” – jornal *Clarín*, 13/5/90.

5 “Para Bilardo... seu time foi vítima do malefício de um bruxo, e dos bons, dos que sabem o que estão fazendo, disse ele. Atribui a isso as repentinas e sucessivas lesões de seus homens mais importantes...” (revista *Notícias*, 24/6/90).

havia ido ao México em 86 foi considerado, do mesmo modo, uma *cábala* (revista *Gente*, 28/6/90). Dessa maneira, ao efeito benéfico (mágico) das atividades ritualizadas, acrescentava-se a proteção ou o pedido de intervenção de agentes sobrenaturais populares no país. Ao componente “mágico” da religiosidade popular é somado o das *cábalas* e um potencializa o outro.

Esta inter-relação entre *mandingas* e religiosidade popular não deve surpreender, já que forma parte de um todo maior, que é a forte presença de tradições mágico-religiosas na cultura popular argentina. A existência de curandeiros, videntes e adivinhos de toda espécie e de uma religiosidade popular com poderosos elementos mágicos (Forni, 1986; Carozzi, 1986) ainda não recebeu a atenção que merece por parte dos cientistas sociais, mas a antigüidade e a expansão dessas tradições indicam que a apelação a recursos “mágicos” de tipos diferentes é parte integrante da bagagem cultural dos argentinos (Carozzi e Frigerio, inédito)⁽²⁾. Contudo, provavelmente devido à valorização negativa que se faz de tais práticas, tanto a partir de uma cosmovisão religiosa como de uma científica (Oliveira, 1986), elas são relegadas ao plano de curiosidades ou superstições, dignas apenas da atenção de publicações dirigidas a setores populares (Frigerio, 1990b). Devido à origem popular, estas práticas são estigmatizadas pelas classes médias e altas que, apesar de também recorrerem a elas, em geral o fazem em segredo⁽³⁾. Os meios de comunicação em sua maioria também se tornam um eco dessa estigmatização, porque tais práticas não condizem com a visão “racionalizada” da sociedade que tais meios apresentam. Portanto, cada vez que a presença de práticas mágicas chega à condição pública, sua presença é atribuída a uma moda passageira⁽⁴⁾.

Considerando-se que as *mandingas* são parte de um conglomerado maior de práticas mágicas, por sua vez parte integrante da cultura popular argentina, o que mais chama a atenção não é tanto a sua presença no Mundial, mas sobretudo o grau de popularidade que alcançaram, bem como sua aceitação nos meios de comunicação – que, de modo geral, tentam refletir a visão de mundo (científica ou, quando muito, religiosa) dos setores dominantes.

A legitimação das *mandingas* durante a Copa do Mundo, a meu ver, pode ser explicada devido a três fatores: as características dessas práticas mágicas que as tornariam mais aceitáveis do que outras, as características do acontecimento (a Copa) em que sucederam e, ainda, o clima social que imperava em seu transcurso.

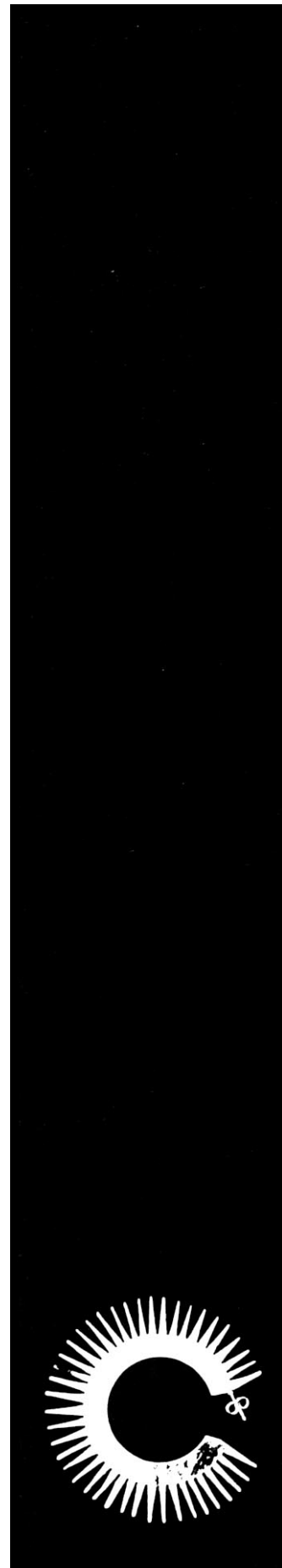
AS MANDINGAS NA COPA DO MUNDO

Antes de me estender sobre as relações da legitimação dessas *mandingas*, eu gostaria de apresentar uma ligeira resenha sobre o desenrolar da Copa do Mundo, o desempenho do time argentino nela e a forma como os meios de comunicação a apresentaram. Além disso, quero ressaltar a atmosfera crescente de “magia” formada em torno do acontecimento.

Na primeira rodada, o time argentino tem um desempenho fraco. Perde de 0 a 1 contra Camarões, vence a União Soviética por 2 a 0 e empata 1 a 1 com a Romênia. Todo este tempo, Carlos Bilardo, o técnico da seleção cuja inclinação para o mágico é bastante conhecida, queixa-se da má sorte que o rodeia. Não apenas o goleiro titular sofre uma fratura na segunda partida, como diversos titulares não estão em boa forma física, afetados por lesões diferentes. Bilardo chega a insinuar em alguns meios de comunicação que “nos mandaram a pior má sorte” (revista *Gente*, 21/6/90)⁽⁵⁾.

Para os argentinos, a agônica chegada da seleção à segunda etapa mostra que avançar além da partida com o Brasil depende apenas de um milagre ou de alguma genialidade de Maradona. É assim que o entende, por exemplo, o jornal *Página 12*, que antes da partida coloca a foto de uma vela imensa na primeira página de seu suplemento de esportes. A subsequente vitória da Argentina é qualificada de “milagrosa” pela maioria dos meios de comunicação que, embora elogiem a genialidade de Maradona, reconhecem a sorte do time argentino (três ataques brasileiros terminaram com remates que atingiram a trave). A frase tradicional “Deus é argentino” começa a reaparecer nas mídias.

A próxima partida, contra a Iugoslávia, termina empatada. Na decisão por pênaltis, Goycochea, o goleiro argentino, defende os dois últimos e dá ao time o passe para a semifinal. Junto com Maradona, surge um outro herói do esporte e aumenta a convicção de que “Deus vestiu outra vez a camisa argentina, como aconteceu na mão (de Maradona) contra os soviéticos ou como contra o Brasil” (jornal *Página 12*, 1º/7/90). Diversos meios de comunicação registram o fato de que o presidente Menem viu a partida pela televisão ao lado de Pumpido (o goleiro titular que sofreu uma fratura contra a União Soviética) e Brown, outro antigo integrante da seleção. Registram também a *mandinga*



6 Entre as *mandingas* realizadas pela televisão (em geral antes de cada partida da Argentina) contou-se: mostrar os gols da Argentina no México 86; mostrar os gols ou pênaltis interceptados no Mundial 90; cantar uma conhecida canção de estímulo para o time; pedir aos colegas que lizessem prognósticos dos resultados; enviar uma saudação ao goleiro frustrado; aplaudir o time argentino (esta, ao encerrar a partida).

7 O exemplo seguinte ilustra adequadamente esta atitude. Numa reportagem sobre uma atriz de sucesso, o jornalista observa que ela utiliza uma faixa vermelha enrolada no punho (costume utilizado na Argentina para afugentar o azar). Pergunta-lhe: "Você tem *mandingas*?" A atriz responde: "Bom, eu não sou *mandingueira*. Mas... pelo sim, pelo não... por que não deixar a faixa no punho? Nunca se sabe..." ("Juana Molina, protagonista", in revista *Flash*, 22/3/91).

8 Num caso que poderia ser a exceção da regra (quando a família de um dos jogadores recorreu a um "especialista"), a locutora que relatava o fato disse que a família havia consultado um "especialista em *mandingas*" (denominação que nunca é utilizada, mas que neste caso torna o especialista mais aceitável socialmente).

9 Em compensação, publicou-se nas diversas mídias que os integrantes do selecionado de Camarões haviam recorrido a um bruxo tribal para possibilitar um bom desempenho a seu time. Na hora do Mundial, numa reflexão irônica sobre o uso das *mandingas*, uma revista humorística mostrou um grupo de argentinos que por este motivo zombavam do time de Camarões, mas que, ao começar a partida da Argentina, realizavam toda uma série de *mandingas* para ajudar o selecionado.

empregada: os três sentam no mesmo sofá da casa do governo em que viram a partida contra o Brasil, na mesma ordem e vestindo a mesma roupa daquela ocasião. Encerrada a partida com a Iugoslávia, Menem ordena que "para a próxima partida da Copa todos têm de vir vestidos da mesma maneira" (jornal *Página 12*, 1º/7/90).

Já nesta etapa, tendo a seleção chegado a uma posição em que ninguém acreditava, apoiada principalmente numa boa sorte que todos comentavam e comemoravam, o apelo ao mágico (e religioso, ou mágico-religioso, para usar uma terminologia sempre ambígua) era natural e aberto. O jornal *Crónica*, refletindo as expectativas argentinas antes da partida com a Itália um tanto humoristicamente, coloca em sua primeira página a foto de cada um dos integrantes do time argentino, com o acréscimo de um jogador de camisa 12: Jesus. O *Página 12*, por seu lado, na capa do suplemento de esportes e sob a epígrafe "Que time, companheiro!", ostenta uma foto em que o time argentino é composto por cinco jogadores e seis santos populares. Embora a seleção argentina tenha produzido seu melhor desempenho, a partida termina empatada. Nos pênaltis, a sorte acompanha o time e as "mãos mágicas" de "São Goycochea" (o goleiro – segundo a expressão criativa de um locutor do Canal 9, no dia 3 de julho de 1990) permitem que se chegue à final. Os jornais *Página 12* e *Clarín* contam como foi vivida a partida na casa do governo debaixo do título "Cábalas na Casa Rosada".

Na final contra a Alemanha, de nada valem as *mandingas* diante das lesões de diversos jogadores argentinos, da ausência de outros (advertidos na partida anterior) e, em especial, do desempenho fraco do time. O clima acentuadamente contrário à Argentina na final (evidenciado nas vaias torrenciais contra o hino e os jogadores argentinos) e o controvertido pênalti que dá a merecida vitória à Alemanha levam as coisas de um plano desportivo e mágico a um plano político.

No início, durante a primeira rodada, os meios de comunicação registram as *mandingas* dos jogadores apenas como curiosidade. Já na etapa seguinte, com uma vitória "milagrosa" contra o Brasil, com sorte na decisão por pênaltis contra a Iugoslávia e a Itália, a mídia não apenas deixa transparecer que grande parte da população também as realiza, mas também que diversos locutores as praticam (ou reconhecem fazê-lo) diante das câmaras⁽⁶⁾. Este fato somado à divulgação jornalística que o próprio presidente dá às *cábalas*, não apenas as legitima, mas também contribui para difundir e estabelecer a insuspeitada popularidade das *mandingas*.

AS MANDINGAS SÃO PRÁTICAS MÁGICAS SOCIALMENTE MAIS ACEITÁVEIS

As *mandingas* são práticas mágicas que passam por um grau de estigmatização menor do que outras. Emica ou eticamente elas são consideradas como (ou têm um *status* social semelhante ao de) uma superstição (Bialogorsky, 1986-87). São crenças irracionais admissíveis, dentro de certos limites e em certos contextos, visto que em geral aqueles que as têm não aderem a elas com firmeza (são realizadas “pelo sim, pelo não”) e elas também não representam uma visão de mundo sistematizada que entre em conflito com a científica⁽⁷⁾.

As *mandingas* também são aceitáveis porque costumam ser simples, mas sobretudo por se basearem no princípio da repetição de atos *cotidianos* (usar a mesma roupa, comer a mesma coisa, fazer as atividades cotidianas na mesma ordem). Elas não são “trabalhos” mágicos que envolvam materiais exóticos, nem exigem que se recorra aos serviços de um especialista no sobrenatural (bruxo ou vidente, por exemplo). Em geral, também não há necessidade de recorrer a agentes sobrenaturais e, no caso de que isto seja feito (como se viu nos exemplos anteriormente mencionados ocorridos durante a Copa), apela-se a figuras espirituais católicas (imagens da Virgem Maria, de Jesus ou dos santos), socialmente aceitas.

Devido aos procedimentos utilizados (a repetição de atos cotidianos) e os ingredientes envolvidos (elementos do cotidiano ou figuras católicas), as *mandingas* acabam sendo (especialmente dentro de determinados contextos, como veremos a seguir) uma forma de magia aceitável para audiências e meios de comunicação social que normalmente não costumam apresentar nem estimular essas práticas.

Podemos compreender melhor esta afirmação comparando-a com a situação das religiões afro-brasileiras na Argentina. Estas são estigmatizadas devido principalmente ao fato de serem consideradas “seitas mágicas”, que praticam “rituais estranhos” e, sobretudo, pela prática de sacrifícios de animais, o que aparentemente é decisivo para a acusação de realizarem “magia negra” (Frigerio, 1990b, 1991). Os locutores que realizavam *cábalas* diante das câmaras ou as incontáveis pessoas que reconheciam praticá-las dentro de casa dificilmente realizariam (ou reconheceriam fazer) “trabalhos” mágicos receitados por um vidente ou “parapsicólogo” (os modernos curandeiros – in Carozzi e Frigerio, inédito) para ajudar a seleção⁽⁸⁾. Menos ainda, é claro, teriam reconhecido haver recorrido ao sacrifício de animais em um templo afro-brasileiro local para obter a classificação da seleção⁽⁹⁾.

CARACTERÍSTICAS DO ACONTECIMENTO E DO CONTEXTO SOCIAL EM QUE AS MANDINGAS FORAM PRATICADAS

Contudo, para entender a legitimação das *mandingas*, não apenas se deve levar em conta as qualidades que acabo de enumerar, mas também as características do evento para o qual elas eram realizadas (a Copa do Mundo) e o clima social que se vivia na Argentina nesta época.

Em relação às *características do acontecimento*, devemos sublinhar que a Copa do Mundo na Argentina é um evento emocionalmente muito carregado, envolvendo quase todos os habitantes, até mesmo aqueles que normalmente não se interessam pelo futebol. Em 1990, a seleção local não era favorita, mas devia defender seu título de campeã, o que acrescentava um elemento de tensão. Desde Malinowski (1955) sabemos que em um ambiente muito carregado emocionalmente e de grande incerteza com relação ao resultado do evento, pode-se esperar um aumento das práticas mágicas voltadas a influir por meios extra-empíricos neste resultado.

Não menos importantes são as características lúdicas do evento, o fato de ser um “jogo” que não pertence à “ordem real das coisas”. Podemos dizer que os jogos participam de uma realidade *sui generis*, com suas próprias regras, diferentes das regras da “realidade cotidiana” (Berger e Luckmann, 1972). Nesse contexto, é provável esperar que sejam utilizadas mais facilmente as práticas mágicas que também, de certa forma, funcionam à margem (ou com regras à parte) da realidade cotidiana. Seguindo por esta linha de raciocínio, não deveria surpreender o fato de serem justamente os desportistas e os atores os grupos em que habitualmente as *mandingas* florescem. Os dois grupos não apenas devem enfrentar continuamente desempenhos exigentes em que “a pessoa sai todos os dias correndo riscos... todos os dias arrisca a sua reputação” (como declara um informante de Bialogorsky, 1986, p. 21), mas que também são grupos cuja ati-



10 Dentro do *ethos* argentino, os símbolos pátrios são particularmente importantes. Qualquer indivíduo que, em um acontecimento público, não pare ao escutar o hino nacional pode ser preso.

11 Em menor proporção (já que tinha um consenso menor da população) pode comparar-se também com o fervor evidenciado durante o Mundial de 1978. Nesta ocasião, diversos meios de comunicação tentaram aproveitar o fervor popular despertado pelo Mundial para fazer oposição à suposta "campanha contra a Argentina" existente na Europa por causa das denúncias sobre violações de direitos humanos na Argentina.

12 O correspondente de *cabulero* em português é *madingueiro* (N. da T.).

13 Quando a seleção argentina foi campeã no México em 1986, em seu retorno ao país Alfonsín "emprestou" a varanda da Casa Rosada para que os jogadores saudassem o povo reunido na Praça de Mayo – embora o presidente, radical, mantivesse uma discricção durante a comemoração e não tenha saído na varanda para se apresentar ao povo junto do selecionado. Em 1990 Menem ressaltou sua presença nos festejos daquele ano, mostrando-se bastante (junto com outros funcionários) ao lado da seleção na varanda da casa de governo.

vidade é basicamente *lúdica* e transcorre numa realidade separada da realidade cotidiana.

Analisando as *características do clima social* em que se desenrolou a Copa do Mundo, eu gostaria de destacar a contínua surpresa dos argentinos e dos meios de comunicação pelos progressos da seleção sem um desempenho adequado para merecê-lo, feito atribuído com frequência à "boa sorte" do time; e também, o caráter de "causa nacional" que o evento foi assumindo progressivamente, devido à animosidade do público italiano para com o selecionado argentino e o caráter pretensamente "popular" do governo argentino.

A MÃO DA SORTE – Diferentemente da seleção da Copa do Mundo do México em 1986, o time que competiu na Itália nunca teve um desempenho convincente (com a exceção da semifinal contra os times locais). Seu progresso em direção a etapas não esperadas foi atribuído pelas mídias locais à "boa sorte" e a determinados desempenhos extraordinários: a genial jogada do gol de Maradona contra o Brasil e as "mãos mágicas" do goleiro Goycochea nas partidas finais durante as decisões por pênaltis. Portanto, não é surpreendente que tenha sido principalmente em torno destes dois jogadores que se concentrou grande parte do discurso e as práticas mágicas. Os meios de comunicação registravam principalmente as *mandingas* de Maradona (junto com as do técnico Bilardo) e as suas freqüentes invocações a Deus durante e depois das partidas (expressões como "as mãos de Deus" e "Deus vestiu a camisa argentina"). No caso do goleiro, que não declarou preferência por nenhuma *cábala*, os meios de comunicação registravam que sua família, sim, fazia "uma dúzia" de *mandingas* durante cada partida, e que sua mulher "sempre o acompanhava com suas *mandingas*... suas infalíveis medalhinhas (da Virgem Maria)" (revista *Gente*, 6/7/90).

O inesperado avanço do time argentino apesar de seu desempenho opaco; o comportamento quase milagroso de Maradona e Goycochea e o discurso religioso destes (ou de seus parentes); a repetição de feitos extraordinários (gols perdidos pelos adversários, bolas que atingem a trave, duas decisões por pênaltis) – todos estes são fatores que paulatinamente criaram a convicção de que "Deus" ou "a sorte" estavam do lado argentino. Criou-se desta maneira um clima de expectativa mágica que, sem a menor dúvida, favoreceu a adoção de práticas destinadas a garantir que a "boa sorte" continuasse ao lado do time ou que Deus continuasse vestindo a camisa argentina.

Esta última frase, “Deus vestiu a camisa argentina” (variante da expressão popular “Deus é argentino”) resume bem as duas facetas do acontecimento: o clima quase místico e o nacionalismo, que foram aumentando conforme ia transcorrendo a Copa.

UMA CAUSA NACIONAL – É preciso ressaltar também o sentimento de nacionalismo exacerbado que invadia os argentinos à medida que o ódio do público italiano para com seu ídolo, Maradona, pareceu estender-se ao resto do time e à nação argentina. O fato de que, de modo crescente, o hino argentino fosse vaiado pelos *tiffosi* (torcida) italianos transformou o certame de futebol em uma causa nacional que ia muito além do esportivo. As vaias, presentes desde a primeira partida, foram reiteradas em quase todas as outras para ter uma eclosão na partida final contra a Alemanha (logo depois que a Argentina eliminara a Itália), ocasião em que o hino nacional e a seleção foram ferozmente vaiados. Para um país que se orgulha dos laços de sangue e cultura com a Europa, foi especialmente irritante o fato de terem sido justamente os italianos, intimamente ligados aos argentinos por razões de imigração e laços de sangue, que repudiaram um dos símbolos pátrios⁽¹⁰⁾.

Depreciados por seus “primos” europeus, os argentinos que estavam no país não podiam fazer outra coisa senão *hinchar* (torcer) furiosamente pelo time nacional, que estádios repletos de italianos queriam ver perder. Para isso, eles só podiam recorrer, diante da televisão, a todas as armas (mágicas) que tinham à disposição para ajudá-los. Com a ausência (no que pese a onipresença e antiguidade de curandeiros e adivinhas) de práticas mágicas padronizadas e compartilhadas pela população, restava apenas a possibilidade de apelar para a simplicidade e individualidade das *cábalas* (cujo princípio de repetição, este sim, é reconhecido por todos) junto com o apelo aos santos populares.

O fervor popular despertado pela causa nacional do selecionado (e a manipulação deste fervor realizado pelos meios de comunicação) só pode ser comparado ao desdobramento que houve na época da guerra das Malvinas⁽¹¹⁾. Nos dois casos houve uma causa nacional que entrou em conflito com os interesses de países do Primeiro Mundo. Nestes conflitos foi negada à Argentina sua condição de país pertencente ao “Primeiro Mundo”. Nos dois casos os meios de comunicação mostraram-se indignados diante da “incompreensão” dos países desenvolvidos e reagiram, propiciando comportamentos nacionalistas na população. Num caso isto se transformou no apoio incondicional à guerra e, no outro, no apelo às práticas mágicas para ajudar os heróis na Itália.

A dimensão de causa nacional que a epopéia do selecionado argentino adquiriu pode ser evidenciada no fervor com que o time foi recebido ao voltar da Itália. Toda a mídia coincidiu ao afirmar que as boas-vindas aos subcampeões foram muito mais multitudinárias e emotivas do que as boas-vindas ao time que em 1986 saiu campeão no México.

UM PRESIDENTE “POPULAR” – O fato de continuamente se haver ressaltado que o próprio presidente dos argentinos fazia uso de *mandingas* para ajudar a seleção não apenas dá uma idéia da popularidade que estas práticas atingiram, mas também, sem dúvida alguma, serviu para legitimá-las. Esta atitude só poderia ser possível em um presidente peronista, pertencente a um partido que sempre reivindicou a condição de “popular”, ou seja, consubstanciado com a cultura popular do povo argentino. Além disso, Menem é (ou era, enquanto escrevo estas linhas) um líder carismático, cujo estilo de governo caracterizou-se em sua etapa inicial pela transgressão das rígidas normas de protocolo vigentes. Sua devoção pelos esportes em geral, e pelo futebol em especial, era bastante conhecida. Portanto, ser *cabulero* (palavra que na linguagem popular designa alguém muito aficcionado às *cábalas*)⁽¹²⁾ era uma qualidade que não destoava do estilo político de Menem (ou melhor, até o confirmava). Esta qualidade destoaria, por exemplo, do estilo de governo de Alfonsín⁽¹³⁾.

O fato de que, levando-se em conta o fervor e o nacionalismo despertados, o Mundial não passava de um acontecimento esportivo, um “jogo”, não pertencente à “ordem real da coisas”, também permitiu que o presidente fizesse uso das *mandingas*. Menem, por exemplo, dificilmente poderia vangloriar-se (mesmo que o desejasse) de utilizar *mandingas* no momento de negociar a dívida externa com funcionários do FMI. A magia, como já mencionei, é mais aceitável em certos domínios (principalmente os ligados a representação ou desempenho) que se caracterizam por sua textualidade lúdica, mas não para desobrigar-se de compromissos no “mundo real” (da política e da economia, por exemplo). Isto, é claro, não implica que não existam economistas que utilizem *mandingas* – mas dificilmente aceitariam confessar e muito menos divulgá-lo nos meios de comunicação.



CONCLUSÕES

Neste trabalho tentei ressaltar a presença e a popularidade de práticas mágicas em uma sociedade como a argentina, que se considera (e é considerada por outras) como “racional”, a mais européia da América Latina. Mostrei como a popularidade das *mandingas* se estendeu a níveis insuspeitados durante a Copa do Mundo de 1990 e sobretudo como e por que se produziu a legitimação de tais práticas. Para isto, em primeiro lugar, era necessário um evento lúdico cercado de uma alta carga emocional. Também foi importante a forma particular que tomaram os acontecimentos nesta Copa. A boa sorte que pareceu acompanhar o time argentino na segunda etapa dotou o evento de uma atmosfera mágica, facilitando o emprego de práticas mágicas “para ajudar a sorte”. A má vontade do público italiano contra Maradona, em primeiro lugar, e contra a seleção em seguida, despertou os sentimentos nacionalistas e deu uma inusitada importância ao evento, que logo adquiriu matizes políticos.

As *mandingas* foram um modo de participação dos que se identificavam com o sofrimento do time e queriam ajudá-lo de alguma forma. Tudo isto, com a bênção do poder político e a manipulação efetuada pelos meios de comunicação argentinos. Realizar as *mandingas* era uma forma de sentir-se argentino, uma forma de reforçar a identidade nacional diante do outro que nos denegria, que negava a nossa suposta condição de país do Primeiro Mundo, a partir da tribuna e dos meios de comunicação italianos (Blache e Magariños de Morentín, 1980, 1987). Era, ao mesmo tempo, uma forma que resgatava e legitimava elementos da cultura popular.

Esta legitimação, entretanto, foi temporária. Passada a euforia do Mundial, a Argentina “racional” se fez ouvir novamente. Em um dos jornais representativos do pensamento do *establishment*, um analista que lamentava que “em uma situação de massas... voltamos a acreditar no pensamento mágico... Pessoas de nível intelectual muito elevado começaram a perder a compostura e naufragaram no mar da superstição... Podemos ver que em nós renasceu o mais primitivo que existe na alma humana, voltamos a manipular as fórmulas mágicas” (“Los Ecos del Mundial de Fútbol”, in *La Nación*, 14/7/90).

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *La Construcción Social de la Realidad*. Buenos Aires, Amorrortu, 1972.
- BIALOGORSKY, Mirta. “Las Supersticiones en un Grupo Actoral”, in *Revista de Investigaciones Folklóricas*, nº 1, 1987, pp. 19-23.
- _____. “Narrativa Personal e Identidad Diferencial en dos Grupos Laborales”, in *Revista de Investigaciones Folklóricas*, nº 2, 1987, pp. 25-30.
- BLACHE, Marta e MAGARIÑOS de MORANTÍN, Juan A. “Enunciados Fundamentales Tentativos para la Definición del Concepto de Folklore”, in *Cuadernos del Centro de Investigaciones Antropológicas*, nº 3, 1980, pp. 5-15.
- _____. “Lineamientos Metodológicos para el Estudio de la Narrativa Folklórica”, in *Revista de Investigaciones Folklóricas*, nº 2, 1987, pp. 16-20.
- CAROZZI, María Julia. “Sobre los Santos Porteños”, in *Sociedad y Religión*, nº 3, 1986, pp. 58-65.
- CAROZZI, María Julia e FRIGERIO, Alejandro. *Mamãe Oxum y la Madre María: Santos, Curandeiros y Religiones Afro-Brasileñas en Buenos Aires* (Inédito).
- FORZI, Floreal. “Reflexión Sociológica sobre el Tema de la Religiosidad Popular”, in *Sociedad y Religión*, nº 3, 1986, pp. 4-24.
- FRIGERIO, Alejandro. “Umbanda e Africanismo em Buenos Aires: Duas Etapas de um Mesmo Caminho Religioso”, in *Comunicações do ISER*, nº 35, 1990a.
- _____. “Nuevos Movimientos Religiosos y Medios de Comunicación: la Imagen de la Umbanda Argentina”, in *Sociedad y Religión*, nº 8, 1990b.
- _____. “La Umbanda no es una Religión de Ignorantes y Medfocres – la Estigmatización de las Religiones Afro-brasileñas en Argentina”, in *Revista de Antropología*, nº 11, 1991.
- GMECH, George. “Baseball Magic”, in Arthur LEHMANN e Jorge MYERS (org.), *Magic, Witchcraft and Religion*. Palo Alto, Mayfield, 1985, pp. 231-5.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magic, Science and Religion*. Nova York, Doubleday, 1955.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. “A Favor da Magia”, in *Comunicações do ISER*, nº 18, 1986, pp. 24-27.
- RIO, João do. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro, Garnier, 1906.
- RODRIGUES, Nina. *O Animalismo Fetichista dos Negros Baianos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

